

Delphine de Vigan

A Partir de Uma História Verdadeira

Tradução de Sandra Silva



ALGUNS MESES APÓS A PUBLICAÇÃO DO MEU ÚLTIMO romance, deixei de escrever. Durante quase três anos não escrevi uma linha. As frases feitas por vezes devem ser levadas à letra: não escrevi uma carta administrativa, um cartão de agradecimento, um postal de férias, uma lista de compras. Nada que exigisse qualquer esforço de redação, que obedecesse a qualquer exigência formal. Nem uma linha, nem uma palavra. Só de olhar para um bloco, um caderno, uma ficha Bristol me dava náuseas.

Pouco a pouco, o gesto em si tornou-se ocasional, hesitante, já não era cumprido sem apreensão. O simples facto de usar uma caneta foi-se tornando cada vez mais difícil.

Mais tarde, comecei a entrar em pânico mal abria um documento Word.

Procurava a posição ideal, a orientação perfeita do monitor, esticava as pernas debaixo da mesa.

E depois ficava ali, imóvel, horas a fio, com os olhos fixos no monitor.

Mais tarde ainda, as minhas mãos começaram a tremer assim que as aproximava do teclado.

Recusei indiscriminadamente todas as propostas que recebi: artigos, novelas de verão, prefácios e outras participações em obras coletivas. A simples palavra *escrever* numa carta ou numa mensagem bastava para dar-me a volta ao estômago.

Escrever, não podia mais.

Escrever era não.

Hoje sei que correram muitos boatos entre os meus conhecidos, no meio literário e nas redes sociais. Sei que disseram que eu não voltaria a escrever, que chegara ao limite, que os fogos de palha, ou de papel, acabam sempre por apagar-se. O homem que amo chegou a pensar que eu perdera a inspiração ao seu lado, ou então a falha original, e que por isso não tardaria a deixá-lo.

Quando alguns amigos, conhecidos e por vezes jornalistas se aventuravam a questionar-me sobre o meu silêncio, evocava sempre motivos ou impedimentos diferentes, entre os quais constavam o cansaço, as deslocações ao estrangeiro, a pressão imposta pelo sucesso ou mesmo o fim de um ciclo literário. Alegava a falta de tempo, a dispersão, a agitação, e escapulia-me com um sorriso cuja falsa serenidade não iludia ninguém.

Hoje sei que foram meros pretextos. Não era nada disso.

Aos mais chegados, cheguei mesmo a evocar o medo. Não me recordo de ter falado de terror, contudo era de terror que se tratava. Agora posso admiti-lo: a escrita, que durante tanto tempo me ocupara, que tão profundamente transformara a minha existência e que me era tão preciosa, passara a aterrorizar-me.

* * *

A verdade é que no momento em que devia ter recommençado a escrever, de acordo com um ciclo que alterna períodos de latência, de incubação, e períodos de redação propriamente dita – ciclo quase cronobiológico que adotara há mais de dez anos –, no momento em que me preparava portanto para começar o livro para o qual tomara uma série de notas e reunira uma vasta documentação, conheci L.

Hoje sei que L. é a única e só razão da minha impotência. E que os dois anos da nossa relação por pouco não me calaram para sempre.

I

Sedução

(...) ele tinha a sensação de ser uma personagem cuja história não era contada com base em acontecimentos verdadeiros, mas criada como numa ficção.

STEPHEN KING, *MISERY*



GOSTARIA DE CONTAR COMO L. ENTROU NA MINHA VIDA, em que circunstâncias, gostaria de descrever com precisão o contexto que permitiu que L. invadisse a minha esfera privada e, pacientemente, se apoderasse dela. Não é assim tão simples. E ao escrever esta frase, *como L. entrou na minha vida*, apercebo-me de como a expressão pode parecer pomposa, um tanto excessiva, a forma como sublinha uma dramaturgia que ainda não existe, essa vontade de anunciar a reviravolta ou a transformação. Sim *L. entrou na minha vida* e perturbou-a profunda, lenta, segura e insidiosamente. L. entrou na minha vida como num palco de teatro, a meio da representação, como se um encenador se tivesse esforçado por esbater tudo à sua volta para lhe dar destaque, como se a entrada de L. fosse planejada para revelar a sua importância, para que naquele preciso momento o espectador e as outras personagens presentes na cena (eu, neste caso) só tivessem olhos para ela, para que tudo, à nossa volta, ficasse em suspenso, e que a voz dela se ouvisse no fundo da sala, enfim para que ela pudesse sobressair.

Mas estou a ir demasiado depressa.

Conheci L. no final do mês de março. No início do ano escolar seguinte, L. já partilhava a minha vida como uma

amiga de longa data em terreno conhecido. No início do ano escolar seguinte, já tínhamos as nossas *private jokes*, uma língua comum baseada em subentendidos e duplos sentidos, um olhar bastava para nos entendermos. A nossa cumplicidade nutria-se de confidências partilhadas mas também de omissões e comentários silenciosos. À distância, e face à violência que mais tarde marcou a nossa relação, seria tentada a dizer que L. entrou na minha vida por arrombamento, tendo por único objetivo a anexação do meu território, mas isso seria falso.

L. entrou docemente, com uma delicadeza infinita, e passei com ela momentos de uma admirável cumplicidade.

Na tarde que antecedeu o nosso encontro, eu era aguardada para uma sessão de autógrafos no Salão do Livro de Paris. Encontrara o meu amigo Olivier, que fora convidado para uma emissão em direto no stand da Radio France. Instalei-me no meio do público para ouvi-lo. Partilhámos em seguida uma sanduíche num recanto com Rosa, a filha mais velha dele, os três sentados na alcatifa usada do Salão. A minha sessão de autógrafos estava anunciada para as 14h30, o que nos deixava pouco tempo. Olivier não tardou a dizer-me que eu estava com um ar exausto, a sério, mostrou-se preocupado em saber como estaria eu a lidar com tudo aquilo, *tudo aquilo* designava simultaneamente o facto de ter escrito um livro tão pessoal, tão íntimo, e de esse livro ter tido tanto sucesso – um sucesso que eu nunca esperara, ele sabia-o, e para o qual, conseqüentemente, não estava preparada.

Mais tarde, Olivier ofereceu-se para acompanhar-me e dirigimo-nos ao stand da minha editora. Passámos à frente de uma fila de pessoas, densa, apertada, tentei saber qual era

o autor que se encontrava na outra extremidade, lembro-me de ter procurado com o olhar o cartaz que nos pudesse revelar o seu nome, e depois Olivier segredou-me acho que é para ti. Com efeito, a fila estendia-se ao longe, depois desenhava uma curva em cotovelo até ao stand onde me aguardavam.

Noutros tempos, e mesmo uns meses antes, aquilo ter-me-ia enchido de alegria e, sem dúvida, de vaidade. Passara horas à espera dos leitores em diversos salões, sentada calmamente atrás de uma pilha de livros, sem que ninguém aparecesse, conhecia aquela angústia, aquela solidão um tanto ou quanto humilhante. Agora a sensação era muito diferente, uma espécie de vertigem, por um momento veio-me à ideia que aquilo era demasiado, demasiado para uma só pessoa, demasiado para mim. Olivier disse-me que me deixava ali.

O meu livro fora publicado no final de agosto e eu andava há alguns meses de cidade em cidade, de encontro em sessão de autógrafos, de leitura em debate, nas livrarias, bibliotecas, mediatecas, onde me aguardavam cada vez mais leitores.

Por vezes aquilo submergia-me, aquele sentimento de ter acertado em cheio, de ter arrastado comigo, atrás de mim, milhares de leitores, aquela sensação, sem dúvida falaciosa, de ter sido entendida.

Escrevera um livro cujo alcance não podia imaginar.

Escrevera um livro cujo efeito, no seio da minha família e à minha volta, se iria propagar por ondas consecutivas, cujos danos colaterais não antecipara, um livro que depressa iria

revelar quem eram os meus amigos indefetíveis e os falsos aliados, e cujos efeitos secundários se estenderiam no tempo.

Não imaginara a multiplicação do objeto no tempo e as suas consequências, não imaginara aquela imagem da minha mãe reproduzida às centenas e depois aos milhares, aquela fotografia impressa na capa que ajudara amplamente à difusão do texto, aquela fotografia que rapidamente se dissociara dela e que doravante já não era a minha mãe, mas a personagem do romance, turva e difratada.

Não imaginara os leitores comovidos, intimidados, não imaginara que alguns chorariam à minha frente e como me seria difícil não chorar com eles.

Tinha havido aquela primeira vez, em Lille, onde uma rapariga débil e visivelmente esgotada pelas sucessivas hospitalizações me explicara que o romance lhe tinha dado uma esperança louca, insensata, que apesar da sua doença, apesar do que sucedera e nunca poderia ser reparado, apesar do que ela lhes *infigira*, talvez os seus filhos pudessem voltar a amá-la...

E depois outra em Paris, num domingo de manhã, um homem desalentado falara-me da perturbação mental, do olhar dos outros sobre ele, sobre eles, esses que metiam tanto medo que acabavam por ser enfiados no mesmo saco, bipolares, esquizofrénicos, depressivos, etiquetados como frangos embalados em celofane segundo as tendências do momento e as capas das revistas, e que Lucile, a minha heroína intocável, reabilitava todos eles.

E outras ainda, em Estrasburgo, em Nantes, em Montpellier, pessoas que por vezes tivera vontade de abraçar.

* * *

Pouco a pouco, erigi bem ou mal uma impercetível muralha, um cordão sanitário que me permitia continuar, estar ali, manter as devidas distâncias, um movimento do diafragma que bloqueava o ar ao nível do esterno, de modo a formar uma minúscula almofada, um airbag invisível, que eu expirava em seguida progressivamente pela boca, passado o perigo. Daquela forma podia ouvir, falar, compreender o que estava a ser tecido no lugar do livro, aquele vai e vem entre o leitor e o texto, o livro remetendo quase sempre o leitor – por motivos que não consigo explicar – para a sua própria história. O livro era uma espécie de espelho, cujos contornos e profundidade de campo já não me pertenciam.

Mas sabia que mais tarde ou mais cedo tudo aquilo acabaria por desabar sobre mim, a quantidade, sim, a quantidade de leitores, de comentários, de convites, a quantidade de livrarias visitadas e de horas passadas no TGV, e nesse momento algo iria sucumbir ao peso das minhas dúvidas e contradições. Sabia que mais tarde ou mais cedo não conseguiria evitá-lo e que teria de ponderar bem as coisas, para evitar sofrer as consequências.

No Salão, passara o sábado a dar autógrafos. As pessoas queriam conversar comigo, e tinha dificuldade em encontrar as palavras certas para agradecer-lhes, responder às suas perguntas, estar à altura das suas expectativas. A minha voz tremia, custava-me respirar. O airbag deixara de funcionar, não suportava mais aquilo. Sentia-me permeável. Vulnerável.

Por volta das seis da tarde, suspenderam a fila com recurso a uma fita elástica presa a dois postes, de modo a dissuadir os recém-chegados, obrigados assim a dar meia-volta. A poucos metros de mim, podia ouvir os responsáveis do stand a explicarem que eu estava mesmo a terminar, *ela tem de ir, tem de parar, estamos desolados, tem de partir*.

Assim que terminei de dar os autógrafos àqueles que tinham sido designados como os últimos da fila, fiquei ainda uns minutos à conversa com a minha editora e o diretor comercial. Pensei no trajeto que teria de percorrer até chegar à estação, estava exausta, se me deitasse na alcatifa teria ficado ali. Estávamos no stand, de pé, de costas para os corredores do Salão e para a pequena mesa onde estivera sentada uns minutos antes. Uma mulher aproximou-se de mim por trás, perguntou-me se podia autografar o seu exemplar. Ouvi-me responder não, assim, sem hesitar. Julgo que lhe expliquei que se assinasse o livro dela, outras pessoas voltariam a pedir autógrafos, a fila iria seguramente tornar a formar-se.

Percebi pelo seu olhar que não entendia, não podia entender, não estava ninguém à nossa volta, os desafortunados tinham dispersado, tudo estava calmo e tranquilo, percebi pelo seu olhar que devia estar a pensar, mas por quem se toma esta parva, o que é que custa um livro ou dois a mais, não foi precisamente para fazer isto que ela cá veio, vender e assinar livros, só faltava queixar-se...

Não podia dizer-lhe, minha senhora, lamento, não aguento mais, estou cansada, já não tenho capacidade, nem forças, ponto final, sei que alguns aguentam ficar horas sem beber nem comer, até que toda a gente tenha passado, tenha ficado satisfeita, uns verdadeiros camelos, uns atletas seguramente, mas eu não, hoje não, já não consigo escrever mais o meu

nome, meu nome é uma impostura, um logro, acredite-me, o meu nome nesse livro não vale mais do que uma cagadela de pombo que por mero acaso caiu na folha de rosto.

Não podia dizer-lhe, se fizer a dedicatória no seu livro, minha senhora, posso rachar-me ao meio, é exatamente isso que irá acontecer, estou a avisá-la, afaste-se, mantenha-se à distância, o fio minúsculo que une as duas metades da minha pessoa pode quebrar-se e, nesse caso, eu desatarei num pranto ou quem sabe aos berros, o que pode tornar-se embaraçoso para todos.

Abandonei o Salão, tentando ignorar o remorso que pouco a pouco me consumia.

Apanhei o metro na Porta de Versalhes, a carruagem estava a abarrotar, contudo acabei por encontrar um lugar para sentar-me. Com o nariz colado ao vidro, comecei a rever a cena, recordei-a uma e outra vez ainda. Negara-me a assinar o livro àquela mulher embora permanecesse ali à conversa, mal podia acreditar. Senti-me culpada, ridícula, envergonhada.

Escrevo hoje esta cena, com tudo o que ela traduz de cansaço e de excesso, pois estou quase certa de que se ela não tivesse tido lugar, eu não teria conhecido L.

L. não teria encontrado em mim um terreno tão frágil, tão movediço, tão friável.